

Interpretações

Domingos Fernandes

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

O Professor Domingos Fernandes, nome de referência nas Ciências da Educação em Portugal e no estrangeiro, é Catedrático no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, onde coordena de unidades curriculares e cursos de graduação e pós-graduação no domínio da avaliação em educação.

Investigador na *Unidade de Investigação & Desenvolvimento em Educação e Formação* da Universidade de Lisboa.

Leciona regularmente em universidades nacionais e internacionais ao nível pós-graduado.

Autor de mais de uma centena de publicações em domínios tais como a avaliação em educação, o desenvolvimento curricular, a formação de professores, a avaliação de programas e de políticas públicas de educação e a pedagogia no ensino superior é, também o coordenador da equipa MAIA (Monitorização-Acompanhamento-Investigação-Avaliação), que desde o ano letivo de 2019/20 tem apoiado, e fomentado, uma efetiva avaliação pedagógica para as aprendizagens na Escola Portuguesa.

Mas o Professor Domingos Fernandes é também um Homem da arte da fotografia e da palavra, capaz de captar momentos, de dizer o tantas vezes indizível, de convocar em nós novas formas de ser, para além de existir.

Neste número da PROFFORMA o Professor oferece ao leitor imagem e letras, numa simbiose simultaneamente perturbadora e tranquila, que nos faz sentir, compreender?, que tem de haver muitos sentidos para além do óbvio.

Como na vida, na Escola!

1

no inapelável cerco das vidas
moem-se os males no silêncio
de cidades perdidas de sentido

e tudo são inconsoláveis penas
mãos líquidas nas paredes nuas
ardendo devagar na pele do vento

o que fica é um olhar boiante
o travo ácido das praças vazias
a lâmina cruel da lava do tempo

na sua vibrante corrente de seiva
as árvores abrem-se como pétalas
desafiando o desconcerto do céu



2

as mãos são frias e secas
sôfregas lâminas de vento
mariscando na areia mole

os pés empurram as vidas
por quiméricos caminhos
de redes lambendo as águas

os corpos são o sal dos dias
como gigantones dançantes
esculpindo os seus poemas



3

a água corre púrpura
tingida pela roda do sol
ainda impoluta e bailarina

na mansidão de tudo são
dançantes os vultos que
buscam o divinal sustento

algo renasce com as aves
que despencam dos céus
pacificados das auroras

algo insólito e poderoso
que a luz única não revela
e que parece a alma do céu

